

JUVENTUDE(S) CONTEMPORÂNEA: ESCOLA E AS PRÁTICAS CORPORAIS

Gabriel Carvalho Bungenstab

Mestre em Educação Física pela Universidade
Federal do Espírito Santo.

Esse artigo se apresenta como um desdobramento da minha dissertação de mestrado, intitulada de: “Cultura Jovem na cidade de Vitória/ES: as práticas corporais juvenis e sua relação com a Educação Física escolar”. Nela, estudei a juventude e suas práticas corporais realizadas nas aulas de Educação Física em uma escola de Ensino Médio, situada na cidade de Vitória, Capital do Espírito Santo. A ideia do presente texto é levar adiante pensamentos que não puderam ser plenamente desenvolvidos. A iniciativa em refletir, hoje, sobre a juventude e as práticas corporais no/do Ensino Médio decorre do reconhecimento de que, na modernidade, a instituição escolar foi uma importante ferramenta na constituição do sujeito jovem; no entanto, no contemporâneo, as práticas corporais ganharam um *status* importante, assim como a escola, para se pensar a juventude.

Reconheço que o termo prática corporal, quando analisado sob o ponto de vista das concepções do corpo, saúde, ciência e cuidado, remetem ao que Carvalho (2010) chama de “modos de viver”. Para a autora, as práticas corporais são componentes da cultura corporal dos povos e dizem respeito ao ser humano em movimento, a sua gestualidade e seus modos de se expressar corporalmente. Como exemplos de práticas corporais: os esportes (radicais), lutas, danças e ginásticas.

Alguns autores do campo da sociologia, como Groppo (2000) e Pais (1993) nos ajudam a entender o vínculo existente entre a modernidade e a juventude. A época moderna voltada para a ideia de projetos futuros, de classificações de pessoas, padrões e lugares, do dualismo entre o certo e o errado e, principalmente, das ciências modernas, acabou classificando a juventude como um estágio de transição perigoso e frágil para a maturidade e

Revista Posição



a vida adulta. Assim, a família, a escola e outras instituições surgiram com o intuito também de modelar e cuidar dos jovens.

É a partir da primeira metade do século XX que a classificação da juventude passa a ser mais bem definida, tendo o Estado criado leis e ofertado vários serviços especificamente para o cidadão jovem, como escolas, internatos e prisões. No entanto, na década de 50 do século passado, a juventude foi se caracterizando como um problema social. Foram taxados de “rebeldes sem causa”, reforçando, ainda mais, a imagem de que a juventude era um processo de difícil transição, requerendo cuidados e atenção.

Na modernidade, a juventude passou a ser classificada, então, como uma função social de maturação do indivíduo para o alcance da idade adulta. Groppo (2000), após análises de trabalhos da Psicologia dos séculos XIX e XX, percebeu que ela teve denso impacto no conceito de adolescência e juventude, caracterizadas como estágio da vida em que o indivíduo irá constituir sua identidade particular. Groppo (2000, p. 61) diz que: “[...] a idade juvenil ou ‘adolescência’ é uma fase de preparação psicossocial para a idade adulta e a sociedade, fase de definição de uma identidade e de uma individualidade”. Era preciso intervir e agir sobre esse jovem para que ele pudesse se adequar aos moldes modernos de socialização. Uma das intervenções mais eficazes e legítimas era (e ainda é) a escola.

Em referência às grandes instituições da modernidade (e nela podemos colocar a escola), Bauman (2001) trabalha com a ideia de que tais instituições ofereceram caminhos sólidos que levariam os sujeitos até sua “transcendência”. A educação foi “pensada” para um mundo durável (modernidade sólida) e pretendia assim permanecer e se perpetuar pautada cada vez mais pela ordem e pela solidez. Nesse mundo moderno, a memória e a durabilidade do conhecimento eram valores importantes a serem preservados. Assim, a escola era um dos espaços propícios para fazer o jovem chegar a uma vida mais digna e controlada.

Hoje, parece que o conhecimento durável e uma memória sólida perderam espaço diante das inúmeras possibilidades de conhecimento que se apresentam para os jovens contemporâneos. Outros artefatos culturais (como a internet, os jogos eletrônicos, a televisão, a mídia, o mercado e as práticas corporais) estão presentes para aconselhar a juventude, além daquela instituição (a escola) que, durante muito tempo, foi a mais importante para essa função. Agora, são várias as “instituições” que, além da escola, estão dispostas a dar um conselho diferente e específico sobre determinado assunto.

Revista Posição



Apesar de a instituição escolar vivenciar as mesmas transformações culturais contemporâneas que seus jovens (alunos e professores), ela ainda promulga a ideia de que dentro do seu espaço, a vida ainda é pautada por características do período moderno, com suas regras, leis e a ideia de que o jovem, por meio da escola, terá um futuro seguro e tranquilo (algo que se torna cada dia mais distante na sociedade contemporânea com a intensificação das relações efêmeras, fluidas, inseguras e flexíveis). Os jovens se movem rapidamente, dando dinamicidade ao processo de aprendizagem e apropriação. Deveria a escola acompanhar a dinâmica e a fluidez que o mundo contemporâneo vive em relação às práticas corporais? Acredito que devemos entender o jovem levando como base as influências que essa categoria sofreu na modernidade e, também, na sociedade atual.

O jovem que frequenta o Ensino Médio é um indivíduo que vive a geração da tecnologia, da rapidez e fluidez das relações econômicas, sociais e culturais. Esses jovens chegam ao Ensino Médio imbuídos de experiências trazidas de fora do mundo da escola. Seus aparelhos eletrônicos que ligam, tocam músicas, entram em redes sociais e tiram fotos, ressignificam os espaços sociais e colocam em pauta a relação entre a escola e os jovens na sociedade atual. São esses mesmos jovens que atualmente, em muitas ocasiões, não possuem mais certeza (ou clareza) do seu futuro (e algum dia já tiveram?).

A relação que a escola estabelece com os jovens estudantes torna-se aspecto importante de análise, já que esses indivíduos trazem consigo modos de vida do cotidiano exterior ao muro escolar que constituem sua cultura, como: seus relacionamentos (familiares e afetivos), suas perspectivas de futuro, experiências com as práticas corporais e com as diferentes relações com o saber.

A juventude hoje parece não querer a rotina, estando sempre em busca do novo, enquanto a instituição escolar encontra dificuldades para acompanhar essas transformações (aliás, deveria essa instituição acompanhar as transformações?). A “mesmice” já não agrada mais o jovem, que agora tem a sede de, a cada dia, vivenciar o novo e não se prender apenas a uma atividade. Pensando nesse prisma, não faz sentido repetir sempre as mesmas atividades nas aulas. Não estou dizendo, aqui, que os conteúdos merecem ser banidos das aulas. O que quero dizer é que, junto a eles, é necessário criar e apresentar um leque de novas atividades e práticas a fim de oportunizar a esse jovem o diálogo com o novo e a possibilidade de se identificar (ou não) com determinada prática (inclusive as corporais) e conteúdo.

Revista Posição



Obviamente, tentar fazer isso é enfrentar a rotina da escola, a política educacional e os ritos escolares. É ensaiar uma nova relação de conteúdos e das práticas (corporais), em que os significados que elas possuem dentro e fora da escola continuem sendo diferentes, mas que ambos sejam importantes para a vida e para o contexto sociocultural da juventude. Começar a compreender que não há culpados, que os indivíduos atuantes (sejam eles professores, sejam alunos jovens) merecem ter voz ativa e que seus grupos específicos necessitam de ser ouvidos e respeitados. Independentemente do contexto, esse parece ser um bom caminho para trilharmos.

Defendo a ideia de que as práticas corporais ganharam um *status*, assim como a escola, a família e o trabalho, para se pensar a juventude atual. Os jovens no contemporâneo se reconhecem nas práticas corporais e se identificam com elas por meio das gírias, vestuários e formação de grupos. Não há como pensar a juventude hoje desvinculada desse fenômeno. Reconheço, no entanto, a necessidade de serem realizadas pesquisas mais densas para se comprovar tal tese. Talvez caiba a escola (e a disciplina de Educação Física) o papel de reconhecer e aceitar as práticas corporais como importante possibilidade de conhecimento e caracterização na vida cotidiana dos jovens. A incerteza sobre o futuro, característica da época contemporânea, parece perder terreno para a certeza de que, na visão dos jovens, a escola ainda é uma das soluções.

Referências

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CARVALHO, Y. *As práticas corporais como práticas de saúde e de cuidado no contexto da promoção da saúde*. 2010. Tese. Livre-docência (Pós-Doutorado) – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2010.

GROPPO, L. A. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

PAIS, J. M. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.